



II SIEPS XX ENFERMAIO I MOSTRA DO INTERNATO EM ENFERMAGEM

Fortaleza - CE
23 a 25 de Maio de 2016

Desafios e possibilidades: Experiência discente no trabalho de educação em saúde com adolescentes

Maria Alice Oliveira da Silva¹, André Ribeiro de Castro Júnior², Idalina Maria Moreira Barbosa³, Maria Rocineide Ferreira da Silva⁴

1. Universidade Estadual do Ceará/UECE – Fortaleza

2. Universidade Estadual do Ceará/UECE – Fortaleza

3. Universidade Estadual do Ceará/UECE – Fortaleza

4. Universidade Estadual do Ceará/UECE – Fortaleza

Inserir o e-mail do autor apresentador do trabalho

EIXO II: SABERES E PRÁTICAS DA ENFERMAGEM EM DIFERENTES CONTEXTOS LOCAIS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS.

Introdução

A adolescência pode ser definida como uma etapa de crescimento e desenvolvimento do ser humano, marcada por grandes transformações físicas, psíquicas e sociais. Adolescência pode ser entendida como o período de transição situado entre a infância e a idade adulta, delimitado cronologicamente pela Organização Mundial da Saúde como a faixa dos 10 aos 19 anos de idade, está também adotada no Brasil, pelo Ministério da Saúde (NASCIMENTO, 2011).

Esta fase, de modo geral, é entendida como transição onde o adolescente se vê rodeado de experiências novas, mudanças corporais e psíquicas que muitas vezes não são esclarecidas de maneira prévia para estes. Tais mudanças geram curiosidades das quais os jovens buscam esclarecer com amigos que já passaram pela mesma experiência e que podem não orientar de forma adequada sobre seu enfrentamento ocasionando possíveis complicações a vida do adolescente, mas também possibilitando uma oportunidade de diálogo sobre o que passa.

No que concerne à sexualidade, a adolescência acarreta em implicações no processo produtivo e reprodutivo e indo além, na própria saúde do adolescente. Nessa etapa da vida, os indivíduos assumem comportamentos para os quais podem ainda não estar preparados, como iniciar relacionamento sexual precocemente, fato que se deve, por exemplo, à pressão feita por grupos sociais nos quais estão inseridos. A vivência

desta sexualidade precoce sem devida orientação aumenta a vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis (DST), à gravidez na adolescência e outros riscos, o que pode interferir em sua rotina de vida, conseqüentemente em seus planos de vida (FONSECA, 2010).

As DST são conseqüências frequentes de uma exacerbação da sexualidade nesta fase e são causas frequentes de procura pelos serviços de saúde. Sabe-se que as estratégias de prevenção primária (uso do preservativo) e secundária (diagnóstico e tratamento) podem permitir o controle das DST e suas conseqüências. Dada sua magnitude, transcendência, vulnerabilidade às ações e fragilidade de controle, as DST devem ser priorizadas e essa disseminação de informações deve ser comprometida com processos de comunicação e com a produção da vida, não apenas limitada a Unidade Básica de Saúde (UBS) ou serviços de referências (ANDRADE, 2013).

Para Zeitouneet al. (2012), mesmo sem preparo psicológico, as jovens são forçadas a mudar seu modo de vida, tema tratado como um problema de saúde pública no Brasil, tal abordagem se deve a falta de educação sexual, de planejamento familiar e da adoção incorreta de métodos contraceptivos. Atentar para sexualidade dos adolescentes é uma necessidade que pode contribuir para reduzir problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social.

É fundamental que a educação sexual, seja vista em um ambiente adequado para a aprendizagem não só da anatomia e da fisiologia do corpo humano, de métodos de prevenção da gravidez precoce e das DST, mas também para o desenvolvimento de sua autonomia enquanto sujeito de uma sociedade.

Para Rocha (2014), o enfermeiro pode intervir nesta problemática realizando campanhas educativas, buscando parceiros como a escola, associação de moradores, gestores, igrejas, enfim, integrando a rede social na qual os adolescentes estão inseridos, a fim de prevenir ou até mesmo reduzir danos, mas também pensar em prática de diálogo permanente de diálogo com esses jovens.

Para Carneiro (2015), o aluno de enfermagem, que inicia seu processo de aprendizagem na perspectiva de cuidar de pessoas tem como desafio o estabelecimento de um vínculo, de uma relação de empatia. Tal condição configura-se em uma etapa crucial para que se efetive a aprendizagem. Durante o desenvolvimento das atividades com esse público a empatia e o ganho da confiança destes podem determinar o alcance dos objetivos propostos. Diante disso, a vivência tem como objetivo desvelar desafios e

possibilidades na experiência discente no trabalho de educação em saúde com adolescentes.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência descrito pelos autores discentes do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, na oportunidade da participação de um projeto de extensão voltado a educação em saúde com adolescentes. Possui um olhar qualitativo, que abordou a problemática desenhada a partir de métodos descritivos e observacionais. “O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica”. (CAVALCANTE, 2012, p.96).

A pesquisa foi realizada no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), no bairro Mudubim, na cidade de Fortaleza-CE. No período de setembro a dezembro de 2015. Trabalhou-se com jovens que realizavam atividades proporcionadas no espaço CUCA durante o período da tarde, tais como, dança, teatro, música, ou até mesmo cursos profissionalizantes.

Em geral, as atividades contavam com 3 momentos distintos. Momento um: acolhendo os alunos selecionados de forma aleatória onde eram apresentados junto aos alunos de Enfermagem a proposta da Oficina de Ideias. Acolher significa mobilizar afetos. Esse momento diz respeito a um entrosamento, um momento de descontração, no qual haja possibilidade de aproximação dos participantes, pelo toque ou por movimentos e cantos (SOBRAL, 2004).

Os alunos foram convidados a uma atividade de integração onde se realizava uma dinâmica de apresentação. O objetivo dessa atividade era ‘quebrar o gelo inicial’ com uma maneira dinâmica de apresentação, acolhendo os alunos para os momentos seguintes da oficina. Após a atividade de integração, os alunos se acomodaram em círculo e foi apresentada a proposta da Oficina de ideias.

Momento dois: chuva de ideias, ideias – uma tempestade! A palavra ideia pode ser empregada como um objeto qualquer do pensamento humano, ou seja, como uma representação em geral (MUNICUCCI, 1987). Essa atividade é concebida para incentivar a livre promoção de ideias, sem restrições nem limitações. Funciona como um mecanismo de indução, que desenvolve do ponto de vista pedagógico, uma atitude interrogativa e reflexiva diante de um dado questionamento (SOBRAL, 2014).

Neste momento, eram utilizadas palavras relacionadas à temática em discussão. Solicitou-se aos alunos que interpretassem as palavras e expressassem suas ideias que tinham acerca desse tema. Os relatos foram diversos, conforme o entendimento pessoal de cada jovem. Constatou-se que essa atividade permitiu que os alunos tivessem contato com os conceitos internalizados, aquilo que está no imaginário de cada um a respeito da adolescência e do adolescente. Essa atividade é entendida como atividade de desafio e ou de reflexão (SOBRAL, 2014).

Os participantes foram subdivididos em grupos e com o auxílio de lápis de cera, cola, pincéis, revistas, tesouras e folhas de papel tipo pardo, representaram como entendiam a adolescência e questões sobre mudanças corporais, sexualidade e DST na adolescência. Essa atividade teve duração de 50 minutos e os alunos se mostraram motivados. Foi possível observar que, durante o desenvolvimento, os alunos inicialmente discutiam entre si sobre o que cada um acreditava ser a representação desse adolescente e logo após buscavam uma forma de representação que atendesse às expectativas do grupo.

Para a finalização, o momento 3: os acadêmicos de enfermagem estimulavam aos alunos a debaterem e emitirem suas opiniões acerca das produções dos colegas, assim como faziam complemento de forma sucinta e compreensível sobre a temática abordada. Logo após elaborou-se uma síntese daquilo que havia sido discutido, o que os alunos pensam saber sobre a adolescência e as ideias que estavam no imaginário sobre a adolescência no que diz respeito a dúvidas e anseios sobre o quão consciente a descoberta desse período deve ser.

Resultados e Discussão

O desenvolvimento das oficinas e a divisão desta em 3 momentos distintos possibilitou uma boa execução do projeto e a devida explanação e abordagem da temática estabelecida. A acolhida e a dinâmica de apresentações atuaram como fatores facilitadores na aproximação e entrosamento entre os acadêmicos de enfermagem e alunos da Rede CUCA, promovendo assim, uma abertura para que qualquer questão referente à temática fosse discutida e esclarecida.

A proposta de uma representação em cartaz sobre mudanças corporais, sexualidade e DST na adolescência a partir dos materiais disponibilizados pelos acadêmicos de enfermagem, fortaleceu ainda mais a questão do entrosamento possibilitando diálogos e discussões entre os jovens. Dessa forma, o objetivo da atividade

foi alcançado, sendo ele, proporcionar um momento de reflexão individual e em grupo a cerca da temática.

Em ambos os grupos, meninas e meninas, de início se teve uma barreira na aproximação, uma certa resistência ao elaborarem respostas e colocarem seus sentimentos, talvez por sentirem envergonhadas na frente dos colegas, mas, apesar dessa recusa, todas observaram e algumas fizeram observações sobre a utilização do preservativo de forma adequada.

Para avaliar a aprendizagem dos adolescentes sobre o conteúdo, depois da oficina formulamos algumas perguntas e as respostas deles nos permitiram concluir que houve compreensão do tema abordado. Também pedimos uma avaliação pessoal sobre o modelo de oficina trabalhado e eles a consideraram um espaço para discutirem assuntos dificilmente tratados em outros ambientes institucionais, a não ser com seus pares, o que demonstra a importância da abordagem desses temas que precisam ser abordados com mais frequência na escola e em ambientes de construção de conhecimento afim de levar as devidas orientações para esse público. O conhecimento adquirido sobre métodos contraceptivos e DST foi enfatizada por eles como avaliação positiva da oficina.

Martins (2006) corrobora dizendo que é essencial o desenvolvimento, no âmbito escolar, de ações educativas que envolvam temas relativos à sexualidade. Devido à vulnerabilidade dos adolescentes aos riscos de DST, torna-se necessária a elaboração de estratégias de promoção e educação em saúde voltadas para os métodos de prevenção de infecções.

Torna-se evidente que a tendência grupal gera certas pressões sociais que acabam por induz muitos jovens a assumirem comportamentos para os quais não estão preparados, como experimentar drogas e iniciar precocemente o relacionamento sexual na tentativa de se “encaixar” e ser aceito por seus pares. Na ânsia de viver tudo rápido e intensamente, não têm espaço para a reflexão e/ou julgamento. Tais vivências da sexualidade precoce e sem devida orientação aumentam a vulnerabilidade à aids e a outras DST, à gravidez na adolescência e ao aborto, que podem comprometer o projeto de vida ou até a vida do adolescente.

Além disso, a dependência comum na infância cede espaço a uma confusão de papéis, pois o adolescente, não sendo nem criança, nem adulto, tem dificuldade em se definir como indivíduo, em assumir seu papel social e suas novas responsabilidades, inclusive com o autocuidado. Ele se torna, de certo modo, mais vulnerável, urgindo

implementar propostas de prevenção de doenças e promoção de saúde para essa população. Nessa etapa da vida, risco e vulnerabilidade estão atrelados às características próprias do desenvolvimento psicoemocional: por um lado, o sentimento de imunidade, a onipotência, o desejo de experimentar coisas novas; por outro, a timidez e a baixa autoestima podem torná-lo potencialmente frágil, levando-o a soluções externas inadequadas para seus problemas, como o uso de drogas (CARNEIRO, 2015).

A atividade e a reflexão sobre os temas pôs em exposição as dúvidas, anseios, experiências e relatos pessoais, como também o conhecimento prévio sobre as temáticas. Os jovens se mostraram extremamente abertos as discussões e diálogos, afirmando a importância da abordagem do tema que, segundo eles, pouco era mencionado no cotidiano por ser um 'tema tabu' em diversos âmbitos: familiar e escolar.

Segundo a Política Nacional de Promoção de Saúde-PNPS (2006), a educação em saúde é um importante instrumento facilitador da capacitação da comunidade, contribuindo para a promoção da saúde. Portanto, trabalhadores/acadêmicos da saúde e usuários precisam estabelecer uma relação pautada na escuta terapêutica, no respeito e na valorização das experiências, das histórias de vida e da visão de mundo. Para desenvolver essas ações, precisam conhecer essas práticas educativas, considerando que é essencial conhecer o olhar do outro, interagir com ele e reconstruir coletivamente saberes e práticas cotidianas com o intuito de ter maior aproximação com esse público.

No desenvolvimento da oficina, foi criado um espaço dialógico com os adolescentes, já que tiveram a oportunidade de manifestar suas opiniões e pensamentos sobre os temas abordados, o que propiciou a obtenção e a troca de conhecimentos, de acordo com as necessidades oriundas da realidade em que estão inseridos. As dinâmicas empregadas na oficina favoreceram um processo educativo-participativo, pois os adolescentes foram estimulados a atuar como sujeitos reflexivos e ativos na vivência ensino-aprendizagem, e não como meros espectadores.

Conclusão

As oficinas sobre mudanças corporais, métodos contraceptivos e prevenção de DST com adolescentes foi uma oportunidade importante de reflexão e discussão, ampliando o campo de conhecimento deles sobre esses temas. Ter o espaço CUCA como cenário da oficina mostrou-se favorável, uma vez que, por se tratar de ambiente do

cotidiano dos adolescentes, onde permanecem grande parte do dia, permitindo maior segurança por parte destes para expressar suas dúvidas, medos e sentimentos.

Observamos que, depois dos encontros, os temas em questão despertaram a atenção dos adolescentes, interessados em ouvir e participar, gerando discussões importantes. Ressaltamos a necessidade de implementação de estratégias educativas que se valham de metodologias participativas, como as oficinas, para incentivar a participação e a conscientização dos adolescentes sobre a importância da prevenção de DST e da gravidez na adolescência.

Referências

ANDRADE MP, *et al.* Promoção da saúde sexual e reprodutiva de puérperas adolescentes: abordagem educativa baseada nos círculos de cultura de Paulo Freire. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**11.1 (2013).

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política nacional de promoção da saúde**. MS, 2006.

CARNEIRO, R. F, et. AL., Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar, Sobral, V.14, n.01, p.104-108, jan./jun. - 2015 107

CAVALCANTE BLL, LIMA UTS. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **J. Nurs Health**, Pelotas (RS) 2012jan/jun;1(2): 94-103.

FONSECA AD, GOMES VOL, TEIXEIRA KC. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. **Esc Anna Nery RevEnferm** 14.2 (2010): 330-337.

MAGALHÃES, J. M.; MONTEIRO, C. F. S.; FIQUEIREDO, M. L. F. Concepção de adolescentes sobre a prevenção do uso de crack. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental online.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 6, p. 28-35, dez., 2013.

NASCIMENTO MG, XAVIER PF, SÁ RDP. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. **Adolescência & Saúde** 8.4 (2011): 41-47.

ROCHA SF, *et al.* Sexualidade na adolescência: dialogando e construindo saberes através do pet saúde/redes de atenção no município de Sobral – Ceará. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**13.1 (2014).

SOBRAL V, TAVARES CM, SILVEIRA MF. Acolhimento como instrumento terapêutico. In: Santos I, editor. **Enfermagem assistencial no ambiente hospitalar: realidade, questões e soluções**. São Paulo: **Atheneu**; 2004. p. 65-70.

ZEITOUNE, R. C. G. et al. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, mar. 2012.